



revistafidelidade@terra.com.br • ano VI • Julho/2008 • nº 70 • R\$ 5,00

Revista

Fidelidade **ESPÍRITA**

*Pena
de Vida
e não
de Morte*

A
Revista que
se **Responsabiliza**
Doutrinariamente
pelos Textos Publicados

Sumário



4 CHICO

VISITA DE POLÍTICOS - A FAMA
Chico não se ilude com visitas de vultos de projeção

6 ENSIMANENTO

PENSAMENTO E EMOÇÕES
Diferenças entre um e outro

8 REFLEXÃO

POR QUE A CARIDADE?
Fora da caridade não há salvação

9 ESTUDO

“ECCE HOMO”
Apresentação de Jesus

12 MEDIUNIDADE

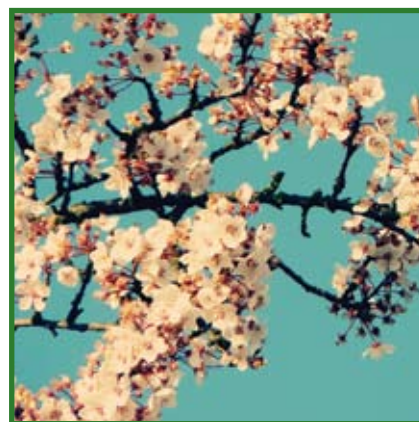
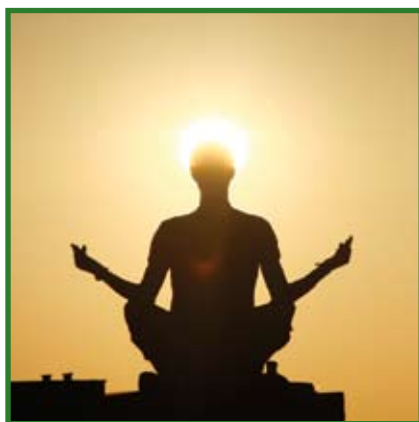
DIRETRIZES DE SEGURANÇA
Questões sobre mediunidade

23 MENSAGEM

O BONECO
As aparências enganam

20 ESCLARECIMENTO

NÃO SEPREIS O QUE DEUS JUNTOU
Leis dos homens e Leis de Deus



14 CAPA

PENA DE VIDA E NÃO DE MORTE

PRÓXIMA EDIÇÃO
CIÊNCIA E ESPIRITISMO



24 HISTÓRIA

DOIS MESES ANTES
Espiritualidade em ação

26 COM TODAS AS LETRAS

POSIÇÃO DO VERBO FAVORECE ERROS
Importantes dicas da nossa língua portuguesa

EDITORIAL

Em mediunidade, crença cega é porta aberta ao misticismo. E o misticismo, traduzido em práticas estranhas, representará sempre fator de perturbação e atraso.

É preciso considerar que o fenômeno envolve inteligências livres, afinadas com as faixas de pensamento que mais lhes interessam, segundo as tendências que carregam.

Desencarnar não significa entrar na posse imediata da verdade integral.

A maioria de nós necessita de tempo, vontade e esforço para despertar e libertar-se dos apegos e idéias fixas, nessa ou naquela área.

Elevado número de entidades alimentam idéias muito próprias em torno de temas polêmicos.

Outros, permanecem apegados a práticas exóticas que vivenciaram quando encarnados.

Não faltam, ainda, os que tentam infiltrar-se nos grupos de intercâmbio, disfarçados de mentores, simplesmente para confundir as mentes e retardar a tarefa.

Por essa razão, na prática mediúnica, discernir será tão importante quanto estudar.

Recolher ensinamentos e analisar idéias.

Receber orientações e examinar conceitos.

Ouvir e raciocinar.

Em outras palavras, é necessário caminhar de olhos abertos, usando o farol do bom senso e da razão, para não tropeçar ou perder o rumo.

Não te esqueças, porém, que o discernimento não deve estar voltado apenas para o que chega de fora para dentro. Necessário direcioná-lo também para o teu mundo interior a fim de examinares o que surge de dentro para fora.

Da mesma forma que espíritos ignorantes e pseudo-sábios induzem ao erro, teus pensamentos e emoções em desequilíbrio também são maus conselheiros.

A mágoa é péssima instrutora;

O rancor é mensageiro da discórdia;

O ciúme induz ao isolamento;

A agressividade confunde a razão;

A ambição hipnotiza a alma.

Medita nisso e chegarás à conclusão de que, em mediunidade, ninguém segue em segurança se não aprender, primeiro, a discernir.

Augusto

LEVY, Clayton. *Mediunidade e Autoconhecimento*.

Pág 105 - 108. CEAK. 2003

Edição

Centro de Estudos Espíritos
"Nosso Lar" – Depto. Editorial

Jornalista Responsável

Renata Levantesi (Mtb 28.765)

Projeto Gráfico

Fernanda Berquó Spina

Revisão

Zilda Nascimento

Administração e Comércio

Elizabeth Cristina S. Silva

Apoio Cultural

Braga Produtos Adesivos

Impressão

Citygráfica

O Centro de Estudos Espíritos "Nosso Lar" responsabiliza-se doutrinariamente pelos artigos publicados nesta revista.

FALE CONOSCO

revistafidelidade@terra.com.br
(19) 3233-5596

ASSINATURAS

Assinatura anual: R\$45,00
(Exterior: US\$50,00)

FALE CONOSCO ON-LINE

CADASTRE-SE NO MSN
E ADICIONE O NOSSO ENDEREÇO:

atendimentorevistafidelidade@hotmail.com



Centro de Estudos Espíritos "Nosso Lar"

Rua Luís Silvério, 120 – Vila Marieta 13042-010 Campinas/SP
CNPJ: 01.990.042/0001-80 Inscr. Estadual: 244.933.991.112

Visita de Políticos - a fama

por Suely Caldas Schubert



25 - 6 - 1947

“Visitas: São verídicas as notícias que recebeste. O mais velho dos dois teve a primeira sessão comigo, há uns dois anos, aproximadamente, e, por sinal, que o filho dele veio, escreveu e identificou-se de modo satisfatório. Foi uma noite de emoção e lágrimas, das quais participei. Depois disso, voltou e agora veio pela terceira vez. O mais moço ainda não tinha vindo aqui. Tivemos uma reunião interessante, mas não sei qual foi a impressão dele. O mais velho está mais amadurecido para o assunto e comove-me o carinho que dispensa aos novos conhecimentos. Confidencialmente, devo dizer-te que não tenho entusiasmo com essas visitas. Esses companheiros estão excessivamente presos à grade das convenções humanas. Sei que o teu coração me compreende. Como sabes, uma pessoa importante é sempre perigosa. Se pode trazer muito bem, pode trazer igualmente muito mal. E, em face de qualquer delas, tenho a impressão de que somos funcionários do Itamaraty. É muito desagradável. (...)”

Wantuil tem notícias da visita que dois políticos de projeção fazem ao Chico. E este explica afirmando que um desses políticos, o mais velho, o procurara dois anos antes. Pelas palavras do Chico, depreende-se que por três vezes esse encontro se repetira. E, por sinal, já na primeira sessão mediúcnica realizada, o filho desse político se comunica pela psicografia, identificando-se de tal forma que o pai emocionou-se até às lágrimas.

Retornando pela terceira vez à procura de Chico Xavier, traz consigo outro político, mais moço, que assiste aos trabalhos mas não opina a respeito. Chico esclarece que o mais velho está amadurecido para receber os conhecimentos espíritas, seja talvez pela própria vivência que a idade confere, através das múltiplas experiências adquiridas, seja pela perda do filho que então se comunica com ele.

Mas, depois, emite a sua opinião pessoal sobre o fato. É de se



ressaltar que ele não se ilude ou se entusiasma com a visita de vultos de projeção. Não porque estes não mereçam ou não estejam à altura de receberem os esclarecimentos da Doutrina Espírita. Chico sabe, perfeitamente, que a dor quando bate às portas de um coração pode conseguir tocá-lo e amadurecê-lo, de pronto, para as verdades da vida. Mas, aduzindo, explica: “Esses companheiros estão excessivamente presos à grade das convenções humanas.” Esta frase exprime bem as barreiras que não raro existem, mesmo naqueles que estão tocados pela dor, naqueles que estão ansiando por respostas aos afligentes problemas de que são portadores, mas que estão colocados em posição de poder, de destaque e prestígio político. São grades, são cárceres, e esses vultos, autênticos prisioneiros das convenções humanas.

É muito difícil a uma pessoa nessa posição conseguir libertar-se dessas teias, pois elas são inerentes ao poder. É o pesado ônus que cada um deve carregar no exercício do seu cargo político.

A fama, o prestígio, nem sempre tem o sabor agradável que lhe atribuem. Muitas vezes, sabe ao travo da desilusão, da solidão íntima que os olhos do mundo não conseguem ver.

Nas frases seguintes, Chico anuncia uma realidade:

“Como sabes, uma pessoa importante é sempre perigosa. Se

pode trazer muito bem, pode trazer igualmente muito mal.” Esta é uma observação que merece a nossa reflexão.

Chico, conhecedor da realidade da vida, não se deixa deslumbrar pela presença de pessoas de projeção social. Não se enaidece por ser procurado por elas. Não as bajula no intuito de alimentar-lhes a vaidade ou de as conquistar de modo mais definitivo. Não está interessado em que tais pessoas lhe façam “a corte”. Nem pela mais leve sombra sente-se prestigiado, por sua vez, pelo interesse que desperta. E com seu comportamento

**“Como sabes,
uma pessoa
importante é
sempre perigosa.
Se pode trazer
muito bem,
pode trazer
igualmente
muito mal.”**

dá a todos uma relevante lição.

Em nenhum momento o vemos deslumbrado ante as conquistas mundanas. No transcorrer dos anos ele deu provas disso. Seus olhos e seu coração estão abertos para todas as criaturas. O que ele

vê em cada um é exatamente o ser humano em sua luta ingente de crescimento. Daí atender a todos: ricos e pobres, pessoas anônimas ou de destaque nas convenções terrestres, dando-lhes a mesma medida do seu amor, da sua incrível capacidade de amar.


Ao mencionar que “uma pessoa importante é sempre perigosa”, tem em vista, inclusive, toda a soma de “tentações” que esta pessoa, mesmo sem querer, pode suscitar. É que ele sabe que a maioria, infelizmente, não enxerga a criatura humana em si, mas o cargo, a fatia de poder que ela representa. E Chico, em sua característica simplicidade, arremata dizendo “em face de qualquer delas, tenho a impressão de que somos funcionários do Itamaraty.” Nessa colocação bem-humorada retrata o modo como se sente na presença das figuras políticas de projeção. De natureza simples, Chico de certa forma se constringe em tais situações. Por isto, conclui: “é muito desagradável.” ♦

Fonte:

SCHUBERT, Suely Caldas. *Testemunhos de Chico Xavier*. Págs. 149 - 152. Feb 1998.

Pensamento e Emoções

por Manoel P. de Miranda / Divaldo Pereira Franco

 As emoções constituem capítulo da vida humana, que prossegue merecendo acuradas reflexões, de modo a canalizá-las com a segurança e eficiência indispensáveis aos resultados salutareos para os quais se encontram na organização fisiopsíquica de cada criatura.

Refletindo o estado espiritual em que transitam os homens, invariavelmente manifestam-se em desgoverno, levando a paroxismos e desajustes de demorada regularização.

Dirigindo o comportamento, fazem que se transite de uma para outra com sofreguidão, em ânsia contínua, que termina por exaurir aquele que se lhes submetem sem o controle necessário.

Estimulando o egoísmo, impõem a satisfação pessoal sob os altos custos da inquietação e da insegurança íntima, em face dos novos desejos de gozos insaciáveis, que terminam por constituir característica predominante da conduta individual.

Essa busca irrefreável do prazer, que se torna dependência viciosa, fomenta gozos que depois, invariavelmente, se convertem em dores.

Entre as mais desgastantes, assume preponderância a ansiedade, que parece imprescindível à vida,

qual ocorre com o sal para o paladar de inúmeros alimentos.

Pessoas há que não passam sem os condicionamentos das emoções, vivificando a ansiedade que as consume em flamas de angústia.

Mal terminam de lograr a meta perseguida e já se encontram, sôfregas, em batalhas por novas

dades, mais rapidamente se acaba.

Assim também as emoções, que têm finalidade superior, no campo da vida; quando não se submetem à disciplina, exigem carga dupla da energia na qual se sustentam, culminando por destruir a sua fonte geradora.

O pensamento, porém, é o agente que as pode conduzir com a proficiência desejada, orientando-as com equilíbrio, a fim de que o rendimento seja positivo, capitalizando valores que merecem armazenados no processo iluminativo para a execução das tarefas nobres.

Esse esforço propicia autoconfiança, harmonia íntima, gerando bem-estar pessoal, que extrapola a área da individualidade e se irradia beneficiando em derredor.

Ninguém pode bloquear as emoções ou viver sem elas.

Intentar ignorá-las ou pretender esmagá-las é empreendimento inócuo, senão negativo.

Toda emoção ou desejo recalçado reaparece com maior vigor, em momentos imprevistos.

Substituir os interesses negativos e viciosos, por outros de caráter mais gratificante quão duradouro, é o primeiro passo, nessa luta de renovação moral e educação emocional.

Porque o pensamento atua no

*Ninguém pode
bloquear as
emoções ou viver
sem elas*

conquistas, transferindo-se de uma realização para novo desejo, com verdadeira volúpia incontrolada.

As emoções alimentam-se naqueles que as agasalham e se lhes adaptam aos impositivos caprichosos.

Comparemo-las a uma vela cuja finalidade é iluminar. Para o mister, ela gasta combustível, como é fenômeno natural. Preservada para os fins, oferece luz por período largo; no entanto, deixada na direção do ar canalizado, apressa o próprio consumo, e, acesa nas duas extremi-

fluido que a tudo envolve, pelo seu teor vibratório, produz natural sintonia com as diversas faixas nas quais se movimentam os Espíritos, na esfera física ou na Erraticidade, estabelecendo vínculos que se estreitam em razão da intensidade mantida.

Essa energia fluídica, recebendo a vibração mental, assimila o seu conteúdo emocional e transforma-se, de acordo com as moléculas absorvidas, criando uma psicofera sadia ou enferma em volta daquele que a emite e passa a aspirá-la, experimentando o seu efeito conforme a qualidade de que se constitui.

Quando o episódio é de largo trato e o seu teor é pernicioso, culmina por afetar a organização física ou psíquica do agente desencadeador, dando acesso a processos viróticos, psicopatológicos, degenerativos em geral, obsessivos...

A tudo envolvendo, essa força é neutra em si mesma; todavia, maleável e receptiva, altera a sua consti-

tuição de acordo com os elementos mentais que a interpenetram.

Ao pensamento disciplinado, portanto, cabe a árdua tarefa de educar as emoções, gerando fatores de saúde, que contribuem para a harmonia interior, dando margem ao surgimento de fenômenos de paz e confiança.

*Pelas afinidades
de ondas mentais
e interesses
emocionais,
reúnem-se
os seres, que
elaboram o
habitat no qual se
demoram*

A ansiedade, responsável pela instabilidade comportamental e pelo humor, cede lugar, quando a onda mental que se dirige a Deus e se afina com as vibrações-resposta do Pensamento Divino.

Outro valioso auxiliar para a empresa, é a meditação, que aprofunda os interesses e as aspirações nas realidades metafísicas, eliminando, a pouco e pouco, as impressões mais fortes das sensações primitivas, que normalmente se sobrepõem às emoções, desarticulando-as.

Pensando, o Espírito estabelece o clima no qual se desenvolve e de cuja energia se nutre. Conforme fixe o pensamento, edifica ou destrói, passando de autor a vítima das próprias maquinações.

Pelas afinidades de ondas mentais e interesses emocionais, reúnem-se os seres, que elaboram o habitat no qual se demoram.

A direção correta e constante do pensamento esclarecido, que conhece as causas e finalidades da vida, realiza o controle das emoções, tornando os indivíduos nobres e equilibrados, que não se transtornam diante de provocações, nem se apaixonam ante as sensações, ou se descompensam enfrentando o sofrimento.

A amargura e a ansiedade não os sítiam, mesmo que, de passagem, deixem ligeiros sinais que a potente luz do amor real e da certeza da fatalidade feliz do bem faz que desapareçam. ♦

Fonte:

FRANCO, Divaldo Pereira. *Temas da Vida e da Morte*. Págs. 31 - 34. Feb. 2005.



Por que a Caridade?

por Orson Peter Carrara

Os que conhecem o Espiritismo sabem que seu lema é *Fora da caridade não há salvação*. Esta definição de rumos tem orientado a prática espírita em todo lugar, inspirando a fundação e funcionamento de hospitais, asilos, orfanatos, creches e mesmo a distribuição de cestas de alimentos, atendimento médico e odontológico gratuitos e outras atividades de atendimento e promoção humanas.

A abrangência da expressão, todavia, indicou também iniciativas educativas, desde a alfabetização de adultos, recuperação escolar, cursos profissionalizantes fundação de escolas, até atividades de caráter artístico que visem elevar o padrão mental/intelectual e emocional dos seres humanos. Óbvio, pois tudo isso constitui educação.

E por que vincular educação com caridade? Por que o sentido da caridade, segundo o pensamento de Jesus e apresentado pelo Espiritismo, está além da mera satisfação da necessidade física ou material. O perdão das ofensas, a indulgência para com os defeitos alheios e a benevolência para com todos constitui a máxima expressão da caridade. E isto estimula as ações citadas nos primeiros parágrafos deste texto, ao mesmo tempo em que educa através do exemplo e do exercício.

Mas e a questão da salvação? É que quem se educa, salva-se da ignorância, causa das precipitações humanas nos desvarios morais que se estendem diariamente. E quem educa, quem atende às necessidades

o sentido da caridade, segundo o pensamento de Jesus e apresentado pelo Espiritismo, está além da mera satisfação da necessidade física ou material

morais, materiais, emocionais ou educacionais, salva-se a si mesmo. Mas, afinal, salva-se de quê? Dos efeitos desastrosos trazidos pelo egoísmo, pelo orgulho, pela ambição, pela vaidade, responsáveis todos pelos sofrimentos que se verificam no planeta. Portanto, salva-se de sofrimentos futuros advindos desses defeitos morais. Todo bem que se direciona ao próximo retorna em bênçãos no futuro, muitas vezes nas horas seguintes. Isto não é jogo de interesses, mas consequência natural das leis divinas. É, portanto, de nosso próprio interesse, da nossa própria felicidade, viver o bem e fazer o bem possível ao alcance de nosso tempo, de nossas mãos, das habilidades que possuímos. Com um benefício imediato: o bem que fazemos livra-nos, ou salva-nos, dos dissabores trazidos pela indiferença pessoal perante as dificuldades alheias.

Não é por outra razão que Jesus recomendou: *faça aos outros o que queres que te façam*. ♦



Fonte:

Artigo originalmente publicado no site do autor: www.orsonpcarrara.rg3.net

“Ecce Homo”

por Vinícius



Que melhor apresentação nos é dado fazer de Jesus senão aquela que ele próprio revelou? Consideremos, pois, sua auto-apresentação:

“O Batista enviou dois de seus discípulos ao Senhor para perguntar: És tu aquele que há-de vir, ou havemos de esperar outro? Quando estes homens chegaram a Jesus, disseram: João Batista enviou-nos para indagar de ti se és o Cristo esperado? Na mesma ocasião Jesus curou a muitos de moléstias, de flagelos e de espíritos malignos; e deu vista a muitos cegos. Então lhes respondeu: Ide contar a João o que vistes e ouvistes: os cegos vêm, os coxos andam, os leprosos ficam limpos, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, aos pobres anuncia-se-lhes o Evangelho; bem-aventurado é aquele que em mim não achar motivo de tropeço.”

Tal é o Cristo: o amigo e defensor dos humildes e dos oprimidos sofredores. O objeto de sua paixão é o pecador. A individualidade humana representa para ele um valor infinito. Deus é pai dos pecadores. Quanto mais abatido e vexado pela dor física ou moral, mais interesse o homem lhe desperta. Haja vista estes dois exemplos: o leproso e a mulher adúltera.

Os leprosos, no tempo em que Jesus passou pela Terra, eram corridos a pedradas das cidades e aldeias. A lei de Moisés os condenava à lapidação, se tentassem penetrar nos povoados. Sobre a crueldade dessa lei que visava a evitar a propagação da lepra, havia ainda a superstição com caráter religioso, segundo a

O Cristianismo é a história do Cristo junto ao pecador. Na sua maneira de agir está sua doutrina

qual os leprosos eram réprobos a quem Deus punia com o terrível mal.

E que fez Jesus com relação àqueles infelizes? Curou-os. As chagas humanas não lhe causavam

asco nem pavor, mas comiseração e piedade. E não só as mazelas do corpo lhe inspiravam aqueles sentimentos, como também as da alma. Seu gesto de compaixão pela mísera adúltera apupada pela horda de fariseus, aliado à sublime lição contida no “aquele que se julgar isento de culpa atire a primeira pedra” — é outro atestado eloqüente do quanto lhe interessava a sorte dos pecadores, particularmente dos aflitos e oprimidos.

O Cristianismo é a história do Cristo junto ao pecador. Na sua maneira de agir está sua doutrina. Conta Stanley Jones, missionário que há vinte anos vive na Índia, que naquele país, quando se fala em Cristianismo, o povo se mostra céptico e completamente desinteressado. Quando, porém, se faz referência à vida do Cristo no seio da Humanidade, defendendo os explorados, suavizando as angústias alheias, ensinando ao povo o meio de viver feliz, então os hindus se tornam atenciosos e, ávidos de curiosidades, pedem que se fale mais nesse Jesus amorável e bom. ▶

Esse fato é muito significativo. Quer dizer que as lendas forjadas pelas escolas sectárias em torno do Cristianismo estão comprometendo o surto daquele credo. Cumpre, portanto, deixar de lado as teorias, o escolasticismo, os dogmas, os rituais, e anunciar Jesus-Cristo tal como ele é, qual ele próprio se apresentou aos emissários do Batista, sarando os enfermos e anunciando aos humildes o Evangelho do amor. E bem-aventurados aqueles que se não escandalizarem nesse Jesus que é o real e verdadeiro Cristo de Deus.

Não estamos nos tempos das teorias, mas na era dos fatos, O Cristianismo não é uma teoria: é o mesmo Cristo revelando as leis divinas à Humanidade. Jesus é um fato histórico e, ao mesmo tempo, uma necessidade de todos os momentos, porque ele sintetiza, na moral em si mesmo personificada, a solução de todos os problemas da vida humana: *Esse Homo!*

O método para ensinar a verdade religiosa é o mesmo que se emprega para ensinar a verdade científica: dedução e indução. Ora temos que partir dos fatos para seus efeitos, ora destes somos levados a remontar àqueles. Não se pode mais impor crenças: temos que convidar o povo a raciocinar conosco. A fé oficializada está nos últimos estertores; não tem prestígio moral, não tem vigor, jaz de há muito na esterilidade.

O momento reclama uma religião que melhore o mundo. Jesus não é inimigo da sociedade. Conviveu com os homens, tomando parte em suas reuniões e festividades. Ele é adversário do vício, do crime, da corrupção e da maldade.

Se não tivermos desde já o céu em nós mesmos, não poderemos encontrá-lo depois da morte; Jesus não veio tão-pouco livrar-nos desse inferno localizado não se sabe onde: veio tirar o inferno de dentro de nós. Como? Ensinando-nos a conhecer e vencer as paixões egoísticas e animalizadas que nos torturam o espírito e nos aviltam o caráter.

Jesus curava e prevenia as enfermidades. Sua terapêutica era curativa e profilática. “Vai, e não peques mais.” A saúde do corpo e do espírito é a lei da Natureza, é o normal. As doenças físicas e morais são a anomalia, o distúrbio na vida. Sarando o leproso, Jesus não fez milagre: restabeleceu no pecador a ordem natural. As curas maravilhosas que operou foram todas no sentido de fazer voltar, à Natureza, o que dela estava divorciado.

O pecado está na vida anormal que o homem leva no mundo, Jesus veio normalizá-la. Sua fé é um canto de louvor à Natureza.

Outro característico peculiar a Jesus é a sua atitude de servidor da Humanidade. Não veio para ser servido, mas para servir: todos os seus atos comprovam esta frase. Sua vida terrena foi toda de dedicação pelo homem. Viveu para outrem. Viver para outrem, como ele viveu, não é uma teoria: é um fato que impressiona profundamente os pensadores. Seus próprios adversários – Strauss e Renan –, analisando suas pegadas, acabaram rendendo-se à evidência de seu altruísmo e de seu poder de atração, reconhecendo em tudo que ele fez o fruto do seu imenso amor pela Humanidade. *Esse Homo!*

O eclesiasticismo ou imperia-

lismo na esfera religiosa, está em franca decadência, o tempo não comporta mais imperialismos em qualquer terreno. Jesus quer ser o que ele é, e não o que a clerezia pretende à viva força que ele seja. Jesus se revela por si mesmo àqueles que o procuram. Precisamos sair do Paganismo, buscando com Jesus a saúde, a pureza, o valor, a bondade, a alegria de viver e a imortalidade. Ele é o modelo a ser imitado. É o médico do corpo e da alma. É o pastor deste rebanho. Onde houver lágrimas a enxugar, chagas e dores a lenir, aí está Jesus no desempenho de sua missão. Ele é por excelência o servidor da Humanidade. “Vinde a mim todos vós que vos achais aflitos e sobrecarregados e eu vos aliviarei”: *Esse Homo!*

*

A frase de Pilatos, que nos serve de epígrafe, tornou-se célebre.

E a quem se referia o pró-cônsul romano?

A Jesus açoitado, escarnecido, trazendo aos ombros um manto de púrpura como usavam os reis, à cabeça uma coroa de espinhos e na destra uma cana à guisa de ceptro. O Cristo de Deus assim ultrajado e envilecido, sangrando pela fronte e pelo dorso, coberto de pó, suarento e todo em desalinho, foi conduzido ao pretório, e dali apresentado, ao poviléu enfurecido, pelo representante de César na Palestina.

Essa figura trágica do Filho do Homem, sendo uma realidade histórica, é também eloqüente símbolo.

Vemos através daquela matéria flagelada, daquele corpo contundido, chagado e lastimoso, refulgir em todo o seu esplendor um Espírito

varonil que se alteia imponente e sublime sobre os troféus da carne abatida e mortificada!

Jesus vilipendiado é a imagem do soldado que volta de encarniçada luta, descalço, magro, olhos macilentos, maltrapilho, mas vitorioso, repassado de glória, sobraçando videntes louros colhidos através de sua bravura, de seu heroísmo mil vezes comprovado no ardor das refregas e dos combates cruentos.

Realmente, em síntese, que nos veio ensinar e que nos exemplificou tão ao vivo o Mestre excelso, senão a luta do espírito com a matéria, o que vale dizer da vida com a morte?

Ciúmes, invejas, rivalidades e ambição; orgulho, pruridos de domínio, de ostentação e de grandeza; luxúria, comodismo, ócios intermináveis, prazeres que só gratificam os sentidos, inclinações que tendem para a materialidade; vícios que deleitam e embriagam, que fasci- nam, que desfibram e amolentam (cortejos dos ministros da morte) devem ser tragados na vitória.

Imitar a Jesus — é servir a Humanidade; conservar a vida é permanecer no seu ideal; e vencer cada um a si mesmo, à viva força, é penetrar o reino dos céus, que é o reino do Espírito, o reino da imortalidade.

O Esse Homo de Pilatos tornou-se frase de renome, cumprindo assinalar que é ao mesmo tempo profundamente simbólica, pois, em realidade, só deve ser apresentado como HOMEM aquele que venceu. ♦

“ECCE HOMO” (VINICIUS)

*A quem se referia a epígrafe, Pilatos?
A Jesus, a sofrer todos os desacatos,
tendo à cabeça em sangue a coroa de espinhos,
pensado pelo pó que voara dos caminhos,
a espádua chicoteada, a púrpura do manto,
e para completar o escárnio, metro a metro,
Pusera-se-lhe à destra humilima de santo
a cana recurvada à guisa então de cetro.*

*E vemos-lhe, através do corpo flagelado,
refulgir, nesse dia, o espírito elevado,
no máximo da dor,
no máximo esplendor,
imponente, pairando, na escalada,
sobre os troféus da carne, assim, dilacerada.*

*Ciúme, inveja, ambição, a sede de extermínio,
o orgulho, a ostentação, pruridos de domínio,
os prazeres da vida transitória,
só gratos aos sentidos,
é assim que devem ser vencidos,
e como o fez Jesus, tragados na vitória.*

*Imitá-lo é dever nosso, ainda que a esmo,
aprender cada um a vencer-se a si mesmo.*

*O “Ecce Homo” de Pilatos,
além de frase de renome
que nada mais consome,
é um símbolo que os fatos
enriqueceu:
pois que só deve ser apresentado,
como HOMEM, quem assim, vilipendiado,
torturado,
venceu!*

ARNALDO BARBOSA

Fonte:

VINÍCIUS. *Em Torno do Mestre*. Págs. 50 - 55.
Feb. 1999.

Diretrizes de Segurança



por Divaldo Franco e Raul Teixeira

30. O que é um grupo mediúnico e qual o número adequado de pessoas que deve constituir-lo?

Divaldo - Entendemos por grupo mediúnico a associação de pessoas que têm conhecimento da Doutrina Espírita e que pretendem dedicar-se ao estudo da fenomenologia medianímica e, simultaneamente, praticar a excelente lição do próprio Espiritismo, que é a caridade.

O número de pessoas oscila de acordo com as possibilidades dos que dirigem o grupo. Ideal é que este seja constituído de elementos, como diz Allan Kardec, simpáticos entre si, que persigam objetivos superiores, que desejem instruir-se e que estejam dispostos ao ministério do serviço contínuo; entretanto, merece considerar que todo grupo de experiências mediúnicas fundamentado num número excessivo de membros está relativamente fadado ao fracasso. Os espíritos prescrevem um número em torno de 15 (quinze), no máximo 20 (vinte), ou não inferior a 6 (seis), para que haja a equipe dos que funcionarão na mediunidade, propriamente chamada, bem como a equipe dos que atenderão no socorro dos passes e através da mediuni-

dade de doutrinação, e, ao mesmo tempo, o grupo dos que poderão atender como assessores para qualquer outra cooperação necessária.

31. Qual o objetivo de uma sessão mediúnica?

Divaldo - É acima de tudo uma oportunidade de o indivíduo auto-reformar-se; de fazer silêncio para escutar as lições dos espíritos que nos vêm, depois da morte, chorando e sofrendo, sendo este um meio de evitar que caiamos em seus erros. É também esquecer a ilusão de que nós estejamos ajudando os espíritos, uma vez que eles podem passar sem nós. No mundo dos espíritos, as Entidades Superiores promovem trabalhos de esclarecimento e de socorro em seu favor; nós, entretanto, necessitamos deles, mesmo dos sofredores, porque são a lição de advertência em nosso caminho, convidando-nos ao equilíbrio e à serenidade. Assim, vemos que a ajuda é recíproca:

O médium é alguém que se situa entre os dois hemisférios da vida. O membro de um labor de socorro medianímico é alguém que deve estar sempre às ordens dos Espíritos Superiores para os misteres elevados. ►

À hora da reunião, devem-se manter, além das atitudes sociais do equilíbrio, a serenidade, um estado de paz interior compatível com as necessidades do processo de sintonia, sem o que, quaisquer tentames neste campo redundarão inócuos, senão negativos.

Depois da reunião é necessário manter-se o mesmo ambiente agradável, porque, à hora em que cessam os labores da incorporação, ou da psicografia, o fenômeno objetivo externo, em si, não cessam os trabalhos mediúnicos no mundo espiritual. Quando um paciente sai da sala cirúrgica, o pós-operatório é tão importante quanto a própria cirurgia. Por isso, o paciente fica carinhosamente assistido por enfermeiros vigilantes que estão a postos para atendê-lo em qualquer necessidade que venha a ocorrer.

Quando termina a lide mediúnica, ali vai encerrada, momentaneamente a tarefa dos encarnados, a fim de recomeçá-la, logo mais, no instante em que ele penetre a esfera do sono, para prosseguir sob outro aspecto ajudando os que ficaram de ser atendidos e não puderam, por uma ou outra razão. Então, convém que, ao terminar a reunião mediúnica seja mantida a psicofera agradável em que as conversas sejam edificantes. Pode-se e deve-se fazer uma análise do trabalho realizado, um estudo, um cotejo no campo das comunicações e depois uma verificação da produtividade; tudo isto em clima salutar de fraternidade objetivando dirimir futuras inquietações e problemas outros.

32. Como se devem portar os médiuns e os demais membros de um grupo, antes e depois do trabalho mediúnico?

Divaldo - Como verdadeiros cristãos.

Devem manter a probidade, o respeito a si mesmos e ao seu próximo; ter uma vida, quanto possível, sadia,

sabendo que o exercício mediúnico não deve ser emparelhado nas dimensões de apenas uma hora de relógio, reservada a tal mister.

33. Os participantes de uma sessão mediúnica devem fazer algum tipo de preparo íntimo durante o dia, antes mesmo do início da reunião?

Divaldo - O espírita deve fazer um preparo normal, porque é um dever que lhe compete, uma vez que nunca sabe a hora em que será convocado ao retorno à consciência livre.

O espírita que freqüenta o labor mediúnico, além de espírita, é peça importante no mecanismo de ação dos espíritos na direção da Terra. Ele deve fazer uma preparação, não somente nos dias da reunião, mas sempre, porque tal preparação seria insuficiente e ineficaz, já que ninguém muda de hábitos, apenas por alterar sua atitude momentânea.

Nos trabalhos mediúnicos, são exigíveis hábitos mentais de comportamento moral enobrecido, e estes não podem ser improvisados. Então, os membros de uma sessão mediúnica são pessoas que devem estar normalmente vigilantes todos os dias e, em especial, nos reservados ao labor, para que se poupem às incursões dos espíritos levianos e adversários do Bem, que, nesse dia, tentarão prejudicar a colaboração e perturbar-lhes o estado interior, levando distúrbios ao trabalho geral, que é o que eles objetivam destruir. Então, nesse dia, a vigilância deve ser maior: orar, ler uma página salutar, meditar nela, reflexionar, evitar atitudes da chamada reação e cultivar as da ação, pensar antes de agir, espairecer e se, eventualmente, for colhido pela tempestade da ira, pela tentação do revide, que às vezes nos chega, manter a atitude recomendada pelo Evangelho de Jesus. ♦

Fonte:

FRANCO, Divaldo P. TEIXEIRA, Raul J. *Diretrizes de Segurança*. Frater, 2002.


CAPA



*Pena
de Vida
e não
de Morte*

Pena de Vida e não de Morte...

por Therezinha Oliveira

 Em muitas nações, quando a ação criminosa do indivíduo rompe as barreiras do equilíbrio, desrespeitando a vida ou a honra dos seus semelhantes, o Estado se arroga o direito de matar o delinqüente.

O objetivo dessa penalidade suprema seria a de:

- 1) Castigar, retribuir o crime grave praticado, sendo a pena aplicada em nome da vítima;
- 2) Impedir o criminoso de praticá-lo de novo;
- 3) Servir de exemplo aos demais cidadãos, desviando-os de praticar crime igual;
- e
- 4) Defender a sociedade.

Os pragmáticos, atentos à aplicação prática das coisas, são a favor da pena de morte, argumentando que não vale a pena sustentar o criminoso por anos na cadeia, uma vez que presídio nenhum consegue educá-lo nem ressocializá-lo, por muitos que sejam os seus anos na detenção, e que,

ao ser solto, tende a voltar ao crime e talvez a atos mais violentos. Por que correr o risco? – indagam, e propõem que se elimine de vez o delinqüente.

A questão, porém, é mais complexa do que eles pensam. Examinando-a filosoficamente, reconheceremos que a vida é um patrimônio por demais precioso, que a ninguém é dado o direito de tirar, nem mesmo o Estado – que, se o fizer, se iguala ao criminoso – e temos o dever de prosseguir sem perder o entendimento e sentimento que nos caracterizam como seres humanos. Tão preciosa é a vida que nos Estados Unidos, por exemplo, até o suicídio, em que a pessoa atenta contra a própria existência, se configura como um crime.

Em termos políticos, adotar a pena de morte seria um retrocesso dramático em nosso sistema legal, pois de há muito havíamos superado esse entendimento primário por uma compreensão mais avançada. De fato, desde 1855 a pena de morte já estava em desuso no país. ▶

Podemos examinar a pena de morte sob vários aspectos e sempre verificaremos que ela nada resolve, porque:

1) A criminalidade é favorecida por fatores econômicos e sociais, como a exacerbação dos conceitos materialistas de vida, o egoísmo social, o desamparo e a deseducação das multidões, ante os maus exemplos de corrupção, exibicionismo, desperdício.

2) O criminoso não costuma se amedrontar ou inibir pela pena de morte; sua vida costuma ser tão miserável que ele não tem medo de morrer, talvez o preocupe mais a prisão perpétua.

3) A pena de morte acarreta muitas complicações, também,

porque a justiça humana é falha e inúmeros erros judiciários já se configuraram.

Um estudo da Universidade de Colúmbia, nos Estados Unidos, apontou que, de cada três casos de condenação à morte, dois acabam

tendo a pena anulada ou recebem sentença mais leve durante o processo de apelação na Justiça, por se haver constatado que os advogados cometeram “erros graves”, ou policiais e promotores envolvidos no caso retiveram ou adulteraram provas.

Examinando a questão à luz do Espiritismo, no que podemos denominar Filosofia Penal dos Espíritos, verificaremos para logo que continua em vigor “o não matarás” bíblico, uma vez que um crime não pode ser solucionado por outro crime.

Recorramos a *O Livro dos Espíritos*, em que Kardec formulou várias perguntas relacionadas ao nosso tema. Pecaremos, talvez, pelo ▶

***Criminosos
executados não
morrem, porque
são espíritos
imortais***



excesso de citação, mas com os esclarecimentos lógicos e coerentes dos Instrutores espirituais, esperamos dirimir as dúvidas que acaso nos pudessem preocupar a mente.

“761. *A lei de conservação dá ao homem o direito de preservar sua vida. Não usará ele desse direito, quando elimina da sociedade um membro perigoso?*”

R: Há outros meios de ele se preservar do perigo, que não matando. Demais, é preciso abrir e não fechar ao criminoso a porta do arrependimento.”

O conhecimento espírita, tanto o doutrinário como o de intercâmbio mediúnic nos tem feito compreender o acerto dessa informação.

Criminosos executados não morrem, porque são espíritos imortais, nem se melhoram, porque não receberam nenhuma ajuda fraterna, ou esclarecimento espiritual. Feridos pela nossa “justiça”, se revoltam e, como continuam vivendo, podem vir a nos perturbar psiquicamente, querendo nos fazer sentir seu desespero, sua angústia e desesperança.

Ao reencarnarem, apresentarão, ainda, as mesmas disposições infelizes, de ignorância e agressividade, gerando um moto contínuo.

Esclarece Humberto de Campos, no livro *Cartas e Crônicas*, escrito através do médium Francisco C. Xavier:

“*As vítimas da forca ou do fuzilamento, do machado ou da cadeira elétrica, de imediato, além-túmulo, vampirizam o organismo social que lhes impôs o afastamento do veículo físico, transformando-se em quistos vivos de fermentação da discórdia e da indisciplina.*”

Em *O Livro dos Espíritos*, temos:

“764. *Disse Jesus: Quem matou com a espada, pela espada perecerá. Estas palavras não consagram a pena de talião e, assim, a morte dada ao assassino não constitui uma aplicação dessa pena?*”

R: Tomai cuidado! Muito vos tendes enganado a respeito dessas

Só as leis divinas são eternas: as humanas mudam com o progresso e continuarão a mudar; até que tenham sido postas de acordo com aquelas

palavras, como acerca de outras. A pena de talião é a justiça de Deus. É Deus quem a aplica. Todos vós sofreis essa pena a cada instante, pois que sois punidos naquilo em que haveis pecado, nesta existência ou em outra.

Aquele que foi causa de sofrimento para os seus semelhantes virá a achar-se numa condição em que sofrerá o que tenha feito sofrer. Este o sentido das palavras de Jesus.

Mas não vos disse ele também:

Perdoai aos vossos inimigos? E não vos ensinou a pedir a Deus que vos perdoe as ofensas como houverdes vós mesmos perdoado, i.é, na mesma proporção em que houverdes perdoado compreendei-o bem?”

“796. *No estado atual da sociedade, a severidade das leis penais não constitui uma necessidade?*”

E a resposta foi:

“Uma sociedade depravada certamente precisa de leis severas.

Infelizmente, essas leis mais se destinam a punir o mal depois de feito, do que a lhe secar a fonte. Só a educação poderá reformar os homens que, então, não precisarão de leis tão rigorosas.

Indagou, mais, Allan Kardec:

“763. *Será um indicio de progresso da civilização a restrição dos casos em que se aplica a pena de morte?*”

Responderam eles:

“Podes duvidar disso? Não se revolta o teu espírito, quando lês a narrativa das carnificinas humanas que outrora se faziam em nome da justiça e, não raro, em honra da Divindade; das torturas que se infligiam ao condenado e até ao simples acusado, para lhe arrancar, pela agudeza do sofrimento, a confissão de um crime que muitas vezes não cometera?”

Pois bem! Se houvesse vivido nessas épocas terias achado tudo isso natural e talvez mesmo, se foras juiz, fizesses outro tanto. Assim é que o que pareceu justo, numa época, parece bárbaro em outra.

Só as leis divinas são eternas: as humanas mudam com o progresso e continuarão a mudar; até que tenham sido postas de acordo com aquelas.”

“760. *Desaparecerá algum dia, da legislação humana, a pena de morte?* ▶

R: Incontestavelmente desaparecerá e a sua supressão assinalará um progresso da humanidade. Quando os homens estiverem mais esclarecidos a pena de morte será completamente abolida na Terra.”

“797. *Como poderá o homem ser levado a reformar suas leis?*

R: Isso ocorre naturalmente, pela força mesma das coisas e da influência das pessoas que o guiam na senda do progresso. Muitas já ele (o progresso) reformou e muitas outras reformará. Espera!”

Já se faz sentir na sociedade humana um direcionamento para o respeito à vida, contra a pena de morte. A Comissão de Direitos Humanos na ONU apresentou, por exemplo, uma resolução exigindo que todos os Estados onde ainda vigore a pena de morte a cancelem definitivamente e, enquanto isso não se dá, adiem quanto possível as execuções já programadas. Essa resolução foi aprovada em abril de 2004, sendo que, dos 53 votos possíveis, 28 foram a favor (Europa, América do Sul e Outros), 5 se abstiveram e 20 foram contrários (Entre estes, EUA, China, Arábia Saudita, Nigéria e Índia) – Do boletim do SEI, 24 de abril de 2004.

Enquanto esperamos as necessárias modificações legais que hão de vir, cabe-nos investir no ser humano, no que estiver ao nosso alcance, seja na educação e na saúde, na melhor distribuição de renda, lutando contra as desigualdades sociais e econômicas, aprimorando o funcionamento da polícia e da justiça.

Sugere Humberto de Campos,

na obra já citada:

Organizar a penitenciária renovadora, onde o serviço e o livro encontrem aplicação adequada é a solução para os difíceis problemas da criminalidade, mesmo porque o melhor desforço da sociedade contra o delin-

***Já se faz sentir
na sociedade
humana um
direcionamento
para o respeito
à vida, contra a
pena de morte***

qüente é deixá-lo viver, na reparação das próprias faltas.

Pela mediunidade de Divaldo P. Franco, Otávio Mangabeira, político experiente que foi, aconselha na mesma direção:

“As Leis estabelecem que é dever do Estado eliminar os meios que estimulam o crime, e afastar o criminoso da convivência social. Para isto, no entanto, não se faz indispensável matá-lo, porquanto existem mecanismos punitivos, reeducativos, recuperadores, como a prisão perpétua, o exílio, a penitenciária agrícola ou equivalente, onde é possível ao infrator revelar resgatar o delito, diminuindo o prejuízo causado à sociedade.

Graças a mensagens assim, dos espíritos superiores, já corre no movimento espírita uma campa- ▶





nha para que em vez de pena de morte se dê ao criminoso a pena de vida. Que ele viva para corrigir os seus erros, quanto possível, e para se modificar na direção do bem. Que ele viva obrigado a estudar e a aprimorar-se moralmente! Que ele viva para se tornar um cidadão útil à comunidade.

Nossa sociedade ainda não sabe criar as condições para dar aos criminosos essa cristã e redentora pena de vida? Que nisso nos empenhemos todos, para não ficarmos aplicando repetida e mecanicamente a pena de talião, a cediça e cruel lei do “olho por olho”. Urge que progridamos na organização da vida em nosso planeta, sem o que,

***Só o amor
legítimo e a
ação fraterna
poderão
transformar
realmente os
criminosos***

ao reencarnar, voltaremos a encontrar o mesmo meio social ignorante e violento, já que ninguém morre, e somente pela educação moral é que todos melhoramos.

*

Pena de morte! Pena de morte! Muitos talvez tenhamos clamado assim, horrorizados ante crimes

hediondos, praticados por alguém com requintes de crueldade.

Se nos dissessem, porém, que o assassino era um nosso filho ou irmão, ou amigo querido, continuaríamos a bradar desse modo? Será que, agoniados e constrangidos, profundamente sensibilizados para com as vítimas mas, também penalizados para com o criminoso, não pediríamos clemência para ele, encontrando desculpas para seu ato infeliz, propondo alternativas para sua recuperação?

Só o amor legítimo e a ação fraterna poderão transformar realmente os criminosos. Em vez de querermos resolver o problema da criminalidade de forma simplista, pela pena de morte, que se mostrou inócua e até prejudicial ao longo dos tempos, lancemo-nos à reformulação da nossa vida e da vida social rumo às bases cristãs, única e verdadeira solução para todos os problemas humanos. ♦

Fonte:

OLIVEIRA, Therezinha. *Quando o Espiritismo Fala*. Págs. 99 - 106. Editora Allan Kardec. 2007.

Não Separeis o que Deus Juntou

por Allan Kardec

INDISSOLUBILIDADE DO CASAMENTO. - DIVÓRCIO.

INDISSOLUBILIDADE DO CASAMENTO

1. Também os fariseus vieram ter com ele para o tentarem e lhe disseram: Será permitido a um homem despedir sua mulher, por qualquer motivo? Ele respondeu: Não lestes que aquele que criou o homem desde o princípio os criou macho e fêmea e disse:

- Por esta razão, o homem deixará seu pai e sua mãe e se ligará à sua mulher e não farão os dois senão uma só carne? - Assim, já não serão duas, mas uma só carne. Não separe, pois, o homem o que Deus juntou.

Mas, por que então, retrucaram eles, ordenava Moisés que o marido desse à sua mulher um escrito de separação e a despedisse? - Jesus respondeu: Foi por causa da dureza do vosso coração que Moisés permitiu despedissem vossas mulheres; mas, no começo, não foi assim. - Por isso eu vos declaro que aquele que despede sua mulher, a não ser em caso de

adultério, e desposa outra, comete adultério; e que aquele que desposa a mulher que outro despediu também comete adultério. (S. MATEUS, cap. XIX, vv. 3 a 9.)

2. Imutável só há o que vem de Deus. Tudo o que é obra dos ho-

Imutável só há o que vem de Deus. Tudo o que é obra dos homens está sujeito a mudança

mens está sujeito a mudança. As leis da Natureza são as mesmas em to-





dos os tempos e em todos os países. As leis humanas mudam segundo os tempos, os lugares e o progresso da inteligência. No casamento, o que é de ordem divina é a união dos sexos, para que se opere a substituição dos seres que morrem; mas, as condições que regulam essa união são de tal modo humanas, que não há, no mundo inteiro, nem mesmo na cristandade, dois países onde elas sejam absolutamente idênticas, e nenhum onde não hajam, com o tempo, sofrido mudanças. Daí resulta que, em face da lei civil, o que é legítimo num país e em dada época, é adultério noutra país e noutra época, isso pela razão de que a lei civil tem por fim regular os interesses das famílias, interesses que variam segundo os costumes e as necessidades locais.

Assim é, por exemplo, que, em certos países, o casamento religioso é o único legítimo; noutros é necessário, além desse, o casamento civil; noutros, finalmente, este último casamento basta.

3. Mas, na união dos sexos, a par da lei divina material, comum a todos os seres vivos, há outra lei divina, imutável como todas as leis de Deus, exclusivamente moral: a lei de amor.

Quis Deus que os seres se unissem não só pelos laços da carne, mas também pelos da alma, a fim de que a afeição mútua dos esposos se lhes transmitisse aos filhos e que fossem dois, e não um somente, a amá-los, a cuidar deles e a fazê-los progredir. Nas condições ordinárias do casamento, a lei de amor é tida em consideração? De modo

nenhum. Não se leva em conta a afeição de dois seres que, por sentimentos recíprocos, se atraem um para o outro, visto que, as mais das vezes, essa afeição se rompe. O de que se cogita, não é da satisfação do coração e sim da do orgulho, da vaidade, da cupidez, numa palavra: de todos os interesses materiais.

Quando tudo vai pelo melhor, diz-se que o casamento é de conveniência e, quando as bolsas estão bem aquinhoadas, diz-se que os esposos igualmente o são e muito felizes hão de ser.

Quis Deus que os seres se unissem não só pelos laços da carne, mas também pelos da alma

Nem a lei civil, porém, nem os compromissos que ela faz se contraíam podem suprir a lei do amor, se esta não preside à união, resultando, *freqüentemente, separarem-se por si mesmos os que à força se uniram*; torna-se um perjúrio, se pronunciado como fórmula banal, o juramento feito ao pé do altar. Daí as uniões infelizes, que acabam tornando-se criminosas, dupla desgraça que se evitaria se, ao estabelecerem-se as condições

do matrimônio, se não abstraísse da única que o sanciona aos olhos de Deus: a lei de amor. Ao dizer Deus: “Não sereis senão uma só carne”, e quando Jesus disse: “Não separeis o que Deus uniu”, essas palavras se devem entender com referência à união segundo a lei imutável de Deus e não segundo a lei mutável dos homens.

4. Será então supérflua a lei civil e dever-se-á volver aos casamentos segundo a Natureza? Não, decerto. A lei civil tem por fim regular as relações sociais e os interesses das famílias, de acordo com as exigências da civilização; por isso, é útil, necessária, mas variável.

Deve ser previdente, porque o homem civilizado não pode viver como selvagem; nada, entretanto, nada absolutamente se opõe a que ela seja um corolário da lei de Deus. Os obstáculos ao cumprimento da lei divina promanam dos prejuízos e não da lei civil. Esses prejuízos, se bem ainda vivazes, já perderam muito do seu predomínio no seio dos povos esclarecidos; desaparecerão com o progresso moral que, por fim, abrirá os olhos aos homens para os males sem conto, as faltas, mesmo os crimes que decorrem das uniões contraídas com vistas unicamente nos interesses materiais. Um dia perguntar-se-á o que é mais humano, mais caridoso, mais moral: se encadear um ao outro dois seres que não podem viver juntos, se restituir-lhes a liberdade; se a perspectiva de uma cadeia indissolúvel não aumenta o número de uniões irregulares.

O DIVÓRCIO

5. O divórcio é lei humana que tem por objeto separar legalmente o que já, de fato, está separado. Não é contrário à lei de Deus, pois que apenas reforma o que os homens não fizeram e só é aplicável nos casos em que não se levou em conta a lei divina. Se fosse contrário a essa lei, a própria Igreja seria obrigada a considerar prevaricadores aqueles de seus chefes que, por autoridade própria e em nome da religião, não

O divórcio é lei humana que tem por objeto separar legalmente o que já, de fato, está separado

imposto o divórcio em mais de uma ocasião. E dupla seria aí a prevaricação, porque, nesses casos, o divórcio há objetivado unicamente interesses materiais e não a satisfação da lei de amor.

Mas, nem mesmo Jesus consagrou a indissolubilidade absoluta do casamento. Não disse ele: “Foi por causa da dureza dos vossos corações que Moisés permitiu despedissemos vossas mulheres?” Isso significa que, já ao tempo de Moisés, não sendo a afeição mútua a única determinante do casamento, a se-

paração podia tornar-se necessária. Acrescenta, porém: “no princípio, não foi assim”, isto é, na origem da Humanidade, quando os homens ainda não estavam pervertidos pelo egoísmo e pelo orgulho e viviam segundo a lei de Deus, as uniões, derivando da simpatia, e não da vaidade ou da ambição, nenhum ensejo davam ao repúdio.

Vai mais longe: especifica o caso em que pode dar-se o repúdio, o de adultério. Ora, não existe adultério onde reina sincera afeição recíproca. É verdade que ele proíbe ao homem desposar a mulher repudiada; mas, cumpre se tenham em vista os costumes e o caráter dos homens daquela época. A lei mosaica, nesse caso, prescrevia a lapidação. Querendo abolir um uso bárbaro, precisou de uma penalidade que o substituísse e a encontrou no opróbrio que adviria da proibição de um segundo casamento. Era, de certo modo, uma lei civil substituída por outra lei civil, mas que, como todas as leis dessa natureza, tinha de passar pela prova do tempo. ♦

Fonte:

KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Págs. 345 - 348. Feb. 1981

O Boneco

por Wallace Leal V. Rodrigues

Um dia vovó comentou que os doces — feitos por ela e minha mãe naquela manhã — haviam desaparecido do armário. E não sabia o que tinha sido feito deles.

Embora nenhuma das duas parecesse de qualquer forma preocupada com a ocorrência, eu imediatamente disse:

— Foram roubados.

Elas me olharam surpresas, mas foi vovó quem estabeleceu conversa comigo.

— Você tem certeza? ela perguntou.

— Tenho! sustentei. E foi o Pedrinho.

Pedrinho era um dos meus irmãos. Vovó insistiu:

— Você tem certeza?

— Se tenho! Foi o Carlucho quem me contou.

— Minha filha, disse ela tranqüila, passando o seu braço pelo meu, venha até o meu quarto. Quero lhe mostrar uma coisa.

No quarto ela abriu a gaveta de uma cômoda e tirou, lá de dentro, um boneco que eu nunca tinha visto.

— Veja como está bem vestido!

Eu não estava entendendo. Aquilo nada tinha a ver com o

caso dos doces. Ela prosseguiu:

— Vá dizendo o que mais lhe chama a atenção neste boneco.

— Tem uma bonita roupa, uma camisa linda! respondi ao observar os punhos, o peitilho e o colarinho impecáveis.

Assim que terminei de falar, minha avó tirou o paletó do boneco. Caí na gargalhada quando vi que da impecável camisa só havia os punhos, o peitilho e o colarinho.

Mas, de súbito, compreendendo, me tornei muito séria.

E vovó, abraçando-me a sorrir, disse concluindo:

— Veja você como são as coisas. A gente só pode crer naquilo que vê. E do que se vê, muitas vezes é preciso acreditar apenas na metade. Você percebeu por que?

Já se passaram muitos anos. Mas, sempre que sou levada, por certa irreflexão — tão comum nos seres humanos —, a julgar fatos ou pessoas pelas aparências, vem-me à lembrança a impecável camisa daquele boneco da vovó...



Se desejas teu caminho

Repleto de paz e luz,

Traze o amor de teu filhinho

Ao santo amor de Jesus.

João de Deus

Fonte:

RODRIGUES, Wallace Leal V. E. *Para o Resto da Vida...* Págs. 23 - 24. O Clarim. 2005.

Dois Meses Antes

por Hilário Silva / Waldo Vieira



Grande confeitaria paulista, ao anoitecer. Clientela numerosa.

Quando Olavo Dias, denodado trabalhador da seara espírita, se aproxima da caixa para efetuar o pagamento de certa compra, surge a atoarda:

– Ladrão! Ladrão Pega o ladrão! Pega! Pega! Alia-se um guarda a robusto balconista e agarra pobre homem, extremamente mal vestido, que treme ao apresentar grande pacote nas mãos.

– Ele roubou de um freguês – grita o caixeiro, como que triunfante ao guardar a presa.

Quase todos os rostos se voltam para o infeliz.

O policial apresta-se para as providências que o caso lhe sugere, mas Olavo Dias avança e toma a defesa.

“É meu empregado e, decerto, retirou o pacote julgando que me pertencesse”



– Não é um ladrão – explica – e não admito qualquer violência.

E no propósito de ajudá-lo, Olavo mente, afirmando:

– É meu empregado e, decerto, retirou o pacote julgando que me pertencesse.

Enérgico, toma o embrulho, devolve-o ao gerente, pede desculpas pelo engano e afasta-se com o desconhecido, dando-lhe o braço, como se o fizesse a um parente, diante dos circunstâncias perplexos.

Dobrando, porém, a primeira esquina, dirige-lhe a palavra, admoestando:

– Ora essa, meu caro! Sou espí-

rita e um espírita não deve mentir. Entretanto, fui obrigado a isso para defendê-lo.

O interpelado mergulha a fronte nas mãos ossudas e explica em lágrimas:

– Doutor, roubei porque tenho seis filhos com fome... Sou doente do peito... Não acho serviço...

– Bem, bem – falou Olavo, comovido –, não estou aqui para fazê-lo chorar.

Condoído, abriu a bolsa, deu-lhe o concurso possível e perguntou-lhe pelo endereço.

O infeliz declarou chamar-se Noel de Souza, deu os nomes da es- ▶

posa e dos filhos e informou residir nas proximidades da Vila Maria, em modesto barracão.

O benfeitor, realmente sensibilizado, prometeu visitá-lo na primeira oportunidade, e, finda uma semana, ei-lo de automóvel a procurar pela casinha distante.

Depois de algum esforço, localizou-a.

Encontrou a senhora Souza e os seis filhinhos esqueléticos, mas o dono da casa não estava.

Saira para angariar socorro médico.

Olavo, tocado de compaixão, fez quanto pôde pela família sofredora e, ao despedir-se, ouviu a dona da casa dizer-lhe sob forte emoção:

– Um dia, se Deus quiser, Noel há de retribuir o senhor por tudo o que está fazendo...

Precisando deixar S. Paulo, em função da vida comercial, Olavo recomendou os novos protegidos a diversos companheiros, e esqueceu a ocorrência.

II

Decorridos seis meses, Olavo, certo dia, chega apressado ao aeroporto de grande cidade brasileira.

Precisava viajar urgentemente, mas não tem passagem. Arriscar-se-á, no entanto, à aquisição de última hora.

Retendo pequena pasta, procura na multidão um amigo que o precedera, minutos antes, com o fim de ajudá-lo, até que o vê a pequena distância, acenando-lhe a que se apresse.

O problema está resolvido. Basta que apresente a documentação necessária.

Avança, presto, mas alguém cruza o caminho. Sente-se abraçado numa explosão de ternura.

Olavo tenta quebrar o impedimento afetivo, mas reconhece Noel de Souza e estaca, surpreendido.

– Você... aqui?

O amigo está humildemente trajado, mas limpo e alegre.

– Sim, doutor, preciso vê-lo – confirma o interlocutor.

– Agora, não – falou Olavo, contrafeito.

Como se não lhe anotasse o azedume, o outro tomou-lhe o braço e arrasta-o docemente para fora do raio de visão do companheiro que o espera.

***Avança, presto,
mas alguém
cruza o caminho.
Sente-se
abraçado numa
explosão de
ternura***

– Souza, não me detenha, não me detenha... – roga Olavo, inquieto.

– Escute, doutor, preciso agradecer-lhe...

E como se não lhe pudesse escapar da mão, Olavo escuta-lhe a fala entediado e impaciente. Noel refere-se à esposa e aos filhos e repete frases de gratidão e carinho.

Depois de alguns instantes,

Dias, revoltado, desvencilha-se e abandona-o sem dizer palavra. Alcança o amigo, mas é tarde.

O avião não pudera esperar.

Acabrunhado, vê, de longe, o aparelho de portas cerradas, na decolagem.

Bastante desapontado, busca Noel de Souza para ouvi-lo com mais atenção, já que perdera a viagem. Entretanto, por mais minuciosa a procura, não mais o encontra.

Daí a quatro horas, recebe trágica notícia.

O aparelho em que disputara lugar caíra de grande altura, sem deixar sobreviventes.

Intrigado, regressa a S. Paulo e corre a visitar a choupana de Noel. Quer vê-lo, abraçá-lo, comentar o acontecimento.

Mas, no lar modesto de Vila Maria, veio a saber que Souza desencarnara dois meses antes. ♦

Fonte:

VIEIRA, Waldo. *Almas em Desfile*. Págs. 86 - 90. Feb. 2003.

Posição do Verbo favorece Erros

por Eduardo Martins



Em princípio, não há nenhuma dificuldade: o verbo concorda em gênero (singular e plural) e pessoa (fiquei, vamos, pediram) com o sujeito ou agente da oração. Desta maneira: *O prédio desabou. / Eles chegaram ontem. / Pedimos para sair. / As vozes ergueram-se em protesto.*

Como se viu, nos exemplos acima existe um único sujeito (ou agente da oração): *o prédio, eles, nós* (oculto) e *as vozes*.

A complicação começa quando o verbo está antes do sujeito, o que favorece situações como:

“Basta” dois dias para o trabalho. O certo é: Bastam dois dias para o trabalho. Veja que não haveria dúvidas se os termos da oração estivessem na ordem direta: *Dois dias bastam para o trabalho.* Esta é uma das armadilhas na concordância verbal que o texto da página seguinte vai mostrar.

Outra situação em que os problemas se avolumam ocorre quando existe um sujeito composto, isto é, formado de dois ou mais termos. Na concordância normal, a existência de mais de um agente na oração leva o verbo para o plural, esteja ele antes ou depois do sujeito. Assim: *A mãe e a filha atrasaram-se para a festa. / Reportagem, crítica e comentário têm lugar num jornal. / Faltaram à solenidade o diretor e o gerente da empresa. / Chegaram ele e o amigo.*

As gramáticas admitem que, quando o sujeito composto vem depois do verbo, este concorde com o mais próximo: *Estava ali o pai e o filho. / Chegou ele e o amigo.* Agora, quer uma sugestão? Evite essa concordância.

Ela é muito especial e quase apenas literária. Se houver diversos pronomes como sujeitos, a primeira pessoa terá predominância sobre as demais e a segunda, sobre a terceira: *Eles e eu partiremos amanhã* (o pronome **eu** conduz a concordância. / *Eu e vocês seremos convidados. / Tu e ele vireis aqui.*

A MAIORIA FOI OU FORAM?

Quando o sujeito é um coletivo ou expressão de quantidade isolada, o verbo fica no singular: *O grupo iniciou o espetáculo. / A multidão irritou-se. / A maioria ficou. / Grande parte saiu.* Se a expressão de quantidade estiver especificada por palavras no plural, a concordância poderá ser feita no singular ou no plural: *A maioria dos atacantes não sabia (ou sabiam) chutar a gol / Um total de 500 pessoas estava (ou estavam) presentes. / Boa parte dos habitantes mora (ou moram) na periferia. / Grande quantidade de remédios tinha (ou tinham) a validade vencida. / A maior parte dos amigos apoiou (ou apoiaram) a idéia. O mesmo ocorre com o coletivo: A multidão de funcionários irritou-se (ou irritaram-se). / O bando de ladrões atacou (ou atacaram) os turistas.*

A tendência moderna é cada vez mais pela concordância regular, ou seja, com o verbo no singular: *O bando de ladrões atacou, a maioria das pessoas saiu, etc.*

Fonte:

MARTINS, Eduardo. *Com Todas as Letras*. Pág. 22. Editora Moderna. São Paulo/SP, 1999.

Orientação

*“E procureis viver quietos e tratar dos vossos próprios negócios e trabalhar com vossas próprias mãos, como já vo-lo temos mandado.” — Paulo.
(1 Tessalonicenses, 4:11.)*



A cada passo, encontramos irmãos ansiosos por orientação nova, nos círculos de aprendizado evangélico.

Valiosos serviços, programas excelentes de espiritualidade superior experimentam grave dilação esperando terminem as súplicas inoportunas e reiteradas daqueles que se descuidam dos compromissos assumidos. Assim nos pronunciamos, diante de quantos se propõem servir a Jesus sinceramente, porque, indiscutivelmente, as diretrizes cristãs permanecem traçadas, de há muito, esperando mãos operosas que as concretizem com firmeza.

Procure cada discípulo manter o quinhão de paz relativa que o Mestre lhe conferiu, cuide cada qual dos negócios que lhe dizem

respeito e trabalhe com as mãos com que nasceu, na conquista de expressões superiores da vida, e construirá elevada residência espiritual para si mesmo.

Aquele que conserva a harmonia, ao preço do bem infatigável, atende aos desígnios do Senhor no círculo dos compromissos individuais e da família humana; o que cuida dos próprios negócios desincumbe-se retamente das obrigações sociais, sem ser pesado aos interesses alheios, e o que trabalha com as próprias mãos encontra o luminoso caminho da eternidade gloriosa.

Antes de buscares, pois, qualquer orientação, junto de amigos encarnados ou desencarnados, não te esqueças de verificar se já atendeste a isto.

Emmanuel - Chico Xavier
Vinha de Luz

Centro de Estudos Espíritas
"Nosso Lar"



R. Prof. Luís Silvério, 120
Vi. Marieta - Campinas/SP
(19) 3032-0256



O Centro de Estudos Espíritas "Nosso Lar" convida você e sua família para estudar o Espiritismo.

Venha conhecer a Filosofia, a Ciência e a Religião Espíritas.

- Uma aula por semana
- Aulas apostiladas e dinâmicas
- Exibição de filmes (em telão) alusivos aos temas

- Auditório com ar condicionado, som e imagem digitais
- Estacionamento e segurança no local
- Material didático (opcional)
- Aulas em datashow

CURSOS GRATUITOS

ATIVIDADES PARA 2008

Cursos	Dias	Horários	Início	
1º Ano: Curso de Iniciação ao Espiritismo com aulas e projeção de filmes (em telão) alusivos aos temas. Duração 1 ano com uma aula por semana.	2ª Feira	20h00 - 21h30	11/02/2008	Aberto ao Público: Necessário Inscrição: 3032-0256 / 3386-9019 3233-5596
1º Ano: Curso de Iniciação ao Espiritismo com aulas e projeção de filmes (em telão) alusivos aos temas. Duração 1 ano com uma aula por semana.	sábado	14h00 - 15h00	16/02/2008	Aberto ao Público: Necessário Inscrição: 3032-0256 / 3386-9019 3233-5596
2º Ano	3ª Feira	20h00 - 22h00	12/02/2008	Restrito
2º Ano	Sábado	16h00 - 18h00	16/02/2008	Restrito
3º Ano	4ª Feira	20h00 - 22h00	13/02/2008	Restrito
3º Ano	Domingo	9h00 - 11h00	17/02/2008	Restrito
Parábolas Evangélicas: Estudo das Parábolas de Jesus à luz do Espiritismo. Duração: 1 ano com uma aula por semana.	5ª Feira	20h00 - 21h00	06/03/2008	Aberto ao público. Não é necessário fazer inscrição. Basta comparecer na data.
Estudos Bíblicos: Estudo da Bíblia à luz do Espiritismo com aulas e projeção (em telão) de filmes alusivos aos temas. Duração: 1 ano com uma aula por semana.	sábado	20h00 - 21h00	07/03/2008	Aberto ao público. Não é necessário fazer inscrição. Basta comparecer na data.
Atendimento ao público				
Assistência Espiritual: Passes	2ª Feira	20h00 - 20h40	ininterrupto	Aberto ao Público
Assistência Espiritual: Passes	4ª Feira	14h00 - 14h40	ininterrupto	Aberto ao Público
Assistência Espiritual: Passes	5ª Feira	20h00 - 20h40	ininterrupto	Aberto ao Público
Assistência Espiritual: Passes	Domingo	09h00 - 09h40	ininterrupto	Aberto ao Público
Evangelização da Infância: De 3 a 14 anos	Domingo	10h00 - 11h00	Fev / Nov	Aberto ao Público
Mocidade Espírita: De 15 a 23 anos	Domingo	10h00 - 11h00	ininterrupto	Aberto ao Público
Palestras	Domingo	10h00 - 11h00	ininterrupto	Aberto ao Público